

Pronunciamento na Reunião das Maiores Economias sobre Segurança Energética e Mudança do Clima

Secretária de Estado Condoleezza Rice

Washington, DC

27 de setembro de 2007

Muito obrigada. Bom dia e muito obrigada, Paula, pela gentil introdução. Gostaria de agradecer a todos vocês por estarem aqui conosco nesta importante conferência. Gostaria de agradecer, em especial, aos ministros que se esforçaram para estar aqui, muitos dos quais estavam comigo em Nova York. Também gostaria de agradecer aos representantes das delegações por terem vindo.

Reunimo-nos hoje porque concordamos que a mudança do clima é um problema real – e que os seres humanos estão contribuindo com ele. As melhores evidências científicas indicam exatamente isso. Agora, é nossa responsabilidade como líderes globais criar um novo consenso internacional sobre como tratar da mudança do clima.

Esse desafio tem muito em comum com os outros grandes desafios que definem este início de século – que vão desde a proliferação de armas e a disseminação de doenças ao terrorismo transnacional. Esses problemas são realmente globais, e nenhuma nação, independentemente do poder ou da vontade política que detenha, pode vencer sozinha. Todos nós precisamos de parceiros, e todos precisamos trabalhar em conjunto.

Gostaria de ressaltar que os Estados Unidos levam muito a sério a questão da mudança do clima, uma vez que somos uma grande economia e um grande emissor. A mudança do clima é um problema global e nós estamos contribuindo com ele; portanto, estamos preparados para ampliar nossa liderança na superação desse desafio. É por isso que o presidente Bush nos convocou.

O objetivo desta e das próximas reuniões é assegurar que todos nós trabalhemos pragmaticamente em direção a um objetivo comum, de modo a contribuir para um novo quadro internacional para tratar da mudança do clima além de Quioto e ajudar todas as nações a cumprir suas responsabilidades no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima.

Aqui nesta sala, nós temos grandes atores globais na questão da mudança do clima – aqueles que mais contribuem para o problema e aqueles que são essenciais para que se chegue a uma solução. Temos representantes de grandes instituições internacionais e organizações não-governamentais. Temos membros da indústria privada. Temos governos de países que abrigam cerca de dois terços da população global, quatro quartos da economia mundial e cerca de quatro quintos das emissões globais. Todos representamos muitos interesses e opiniões diferentes, mas, essencialmente, precisamos responder apenas a uma questão fundamental: que tipo de mundo nós queremos habitar e que tipo de mundo nós pretendemos deixar para as gerações futuras?

A pergunta ressoa profundamente em cada americano. Nós sempre encontramos refúgio e significado na majestade do meio ambiente. E nós sempre fomos veementes na tarefa de ser bons guardiães do mundo natural. Como um dos nossos maiores conservacionistas, o Presidente Teddy Roosevelt disse, exatamente há um século: “Deve-se ter consciência do fato de que o desperdício e a destruição dos nossos

recursos naturais acarretarão a gradual ruína, nos dias futuros das nossas crianças, da própria prosperidade que nós temos o dever, por direito, de legar a elas ampliada e melhorada”.

O Presidente Bush compartilha dessa convicção e ele próprio disse que: “Ser bom guardião do meio ambiente não é apenas uma responsabilidade pessoal, é um valor público. Os americanos estão unidos na crença de que nós devemos preservar nossa herança natural e proteger o meio ambiente”.

Também devo dizer, a título pessoal, que eu sou da Califórnia, um estado às margens do Oceano Pacífico, entre as montanhas de Palo Alto, onde eu moro e onde a conservação e a proteção do meio ambiente global são uma causa tratada com imensa atenção.

Ao mesmo tempo, nós reconhecemos que a mudança do clima é um assunto complexo e uma questão difícil porque não pode ser tratada de forma efetiva apenas como um desafio ambiental. Como os nossos líderes concordaram na reunião do G8 e da APEC este ano, a mudança do clima requer uma resposta integrada – abrangendo a proteção ambiental, o crescimento econômico, a oferta de energia e a segurança energética, além do desenvolvimento e emprego de novas tecnologias de energia limpa. A forma como estabelecemos essa resposta integrada trará grandes consequências – não apenas para o nosso futuro mas também para o presente.

Atualmente, mais da metade da população do mundo vive com menos de US\$ 2 por dia. Muitos desses homens, mulheres e crianças não têm acesso à energia – e, portanto, têm pouca capacidade de fazer coisas básicas às quais nós, mais privilegiados, nem damos valor, como armazenar comida, ler e estudar após o anoitecer, refrigerar e aquecer as nossas casas ou ligar um computador e nos conectarmos a um mundo cada vez mais sofisticado tecnologicamente. Ajudar aqueles que estão às margens da economia global a abandonarem a terrível pobreza é uma das maiores questões morais do nosso tempo. Então nós temos de nos comprometer em tratar da mudança do clima sem privar as economias da energia que elas precisam para crescer e sem ampliar a disparidade de renda que já é significativa entre as nações desenvolvidas e as em desenvolvimento.

Esperamos poder avançar nessa direção nesta e nas próximas reuniões e que assim fazendo nós apoiemos e aceleremos os processos mais amplos que estão agora em andamento no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas. Como muitos de vocês, eu acabei de chegar da Assembléia-Geral das Nações Unidas, onde participei do evento de alto nível sobre mudança do clima. Os Estados Unidos apóiam as metas desse evento. E nós ansiamos pelo êxito da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima que será realizada na Indonésia, este ano. É por isso que nós estamos pedindo aos membros desta reunião que se concentrem em três tarefas importantes.

Primeiro, nós devemos acordar uma meta de longo prazo para a redução das emissões de gases de efeito estufa. A mudança do clima é um desafio que envolve gerações e requer um compromisso sério de longo prazo para reverter o crescimento das emissões globais ao ponto em que possamos estabilizar as concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera. Devemos fazer isso, como acordado na Convenção-Quadro das Nações Unidas, em um prazo que permita ao meio ambiente adaptar-se e de forma a assegurar o desenvolvimento econômico global.

Nossa segunda tarefa é estabelecer objetivos nacionais de médio prazo e programas para alcançar nossa meta comum mais ampla. Devo salientar que esse não é um

esforço de tamanho único. Cada país fará suas próprias decisões, refletindo suas próprias necessidades e seus próprios interesses, suas próprias fontes de energia e sua própria política doméstica. Embora unidos pela meta comum e pelas responsabilidades coletivas, todas as nações devem tratar da mudança do clima da melhor forma que acharem possível.

Aqui neste país, por exemplo, nós tivemos um debate nacional sobre energia em 2005, do qual resultou um acordo bipartidário sobre novas determinações acerca dos combustíveis renováveis e da eficiência dos eletrodomésticos, juntamente com uma autorização multibilionária para pesquisar e introduzir no mercado tecnologias de energia limpa. Muitos dos nossos estados estão usando mais energia renovável e aumentando a eficiência das edificações. O Presidente Bush está trabalhando para reduzir nosso consumo de gasolina em até 20 por cento em dez anos e reduzir as emissões de gases de efeito estufa por meio de novos padrões obrigatórios rigorosos para os combustíveis renováveis e melhoria da eficiência dos veículos.

Medidas como essa são necessárias para assegurar que a nossa economia atual e as políticas energéticas sejam efetivas em relação aos custos e ambientalmente eficazes. Mas, em essência, nós percebemos que o desafio de longo prazo que enfrentamos é desanimador e requer maiores avanços tecnológicos e a ampliação substancial dos avanços recentes. Gerenciar o status quo simplesmente não é uma resposta adequada.

E não é difícil ver por quê. Em todo o mundo hoje – em lugares como São Paulo, Xangai, Mumbai, Cidade do México, Jacarta e Joanesburgo e ainda em muitas outras cidades do mundo desenvolvido – milhões de pessoas estão lutando por seu lugar em uma classe média global emergente, e por todas as expectativas que um estilo de vida moderno traz – de empregos com bons salários a automóveis, casas decentes. Mas o fato é que, não importa o quanto nós melhoremos nossa abordagem às questões de energia, economia e meio ambiente, a nossa trajetória atual não consegue acomodar os sonhos dessas pessoas.

Se nós nos mantivermos no caminho atual, seremos confrontados com uma escolha inaceitável: ou sacrificamos o crescimento da economia global para assegurar a saúde do nosso planeta ou sacrificamos a saúde do nosso planeta para continuar com o crescimento baseado no consumo de combustíveis fósseis. Essa é uma escolha que nós nos recusamos a fazer. Ao invés disso, precisamos desatar o nó górdio de combustíveis fósseis, emissões de carbono e atividade econômica. Esse sistema atual não é mais sustentável, e nós devemos transcendê-lo completamente por meio de uma revolução na tecnologia energética. Então nossa terceira tarefa é trabalhar com a indústria privada para desenvolver e introduzir no mercado novas tecnologias energéticas que não apenas deixem de impor riscos ao crescimento econômico mas possam, na realidade, acelerá-lo.

Na nossa visão de um mundo mais promissor, milhões de pessoas que agora estão à margem da economia global não estariam apenas se juntando ao círculo cada vez mais amplo de prosperidade, estariam se juntando aos cidadãos das nações desenvolvidas no compartilhamento de novas tecnologias que transformam inteiramente as formas como nós, seres humanos, nos relacionamos com o mundo natural e com uns aos outros. Esse seria um mundo de carros limpos movidos a etanol ou células combustíveis de hidrogênio, um mundo repleto de bons empregos em parques de escritórios e arranha-céus verdes, um mundo em que haja energia para todos – ao toque do interruptor ou giro de uma chave – originária de fontes alternativas de energia, como o vento ou o carvão limpo ou a energia nuclear civil.

Nós últimos anos, os Estados Unidos vêm investindo em novas tecnologias de energia que têm o potencial de superar o desafio da mudança do clima e transformar o mundo. Esse tem sido o foco dos esforços do nosso país e a meta da nossa diplomacia internacional, em que fizemos esforços especiais para estabelecer novas parcerias com os países em desenvolvimento.

Com o Brasil, nós estamos trabalhando para aproveitar o enorme potencial dos biocombustíveis – tanto para atender as nossas necessidades de energia quanto para ajudar as nações em desenvolvimento nas Américas a atender a suas. Juntos, estamos desenvolvendo e compartilhando novas tecnologias que permitam que os consumidores de combustíveis fósseis passem a usar biocombustíveis originários de culturas locais.

Com a Índia, negociamos um acordo para abrir um caminho de cooperação em relação a energia nuclear civil e tecnologia. Uma vez finalizado, esse acordo ajudará um dos consumidores de energia com crescimento mais acelerado no mundo a atender as aspirações econômicas da sua população por meio do lançamento de uma segunda Revolução Verde.

E na Ásia, nós ajudamos a unir os dois maiores países em desenvolvimento, a China e a Índia, a outros estados regionais para formar a Parceria Ásia-Pacífico sobre Desenvolvimento Limpo e Clima. Trabalhando com grandes líderes globais da indústria privada, nossos governos estão buscando compartilhar novas tecnologias energéticas que possam abastecer o desenvolvimento econômico e que sejam sustentáveis e ambientalmente corretas.

Senhoras e senhores, como a mudança do clima atinge tantas áreas do empenho humano – das nossas políticas energéticas à nossa atividade econômica e ao futuro do meio ambiente – o desafio pode parecer desanimador. E de fato o é. Mas esse desafio também pode ser um catalisador de avanços nos dias de hoje. E é essa a idéia que eu quero deixar com vocês esta manhã.

À medida que trabalharmos juntos, nesta reunião e por meio da Convenção-Quadro das Nações Unidas – à medida que tomarmos medidas para reduzir as emissões e desenvolver novas tecnologias para superar os combustíveis fósseis – abordemos a mudança do clima não apenas como uma gigantesca ameaça futura, mas como uma oportunidade atual de trabalho em conjunto, uma chance de conceber uma abordagem melhor e mais sustentável de apoio ao desenvolvimento humano, uma chance de tirar milhões de pessoas da pobreza e introduzi-las na promessa da economia global e uma chance de proteger e preservar o nosso mundo natural – não apenas para as gerações futuras, mas também para os que vivem hoje.

Agradeço muito a presença de vocês aqui hoje. Como temos importantes desafios pela frente, é bom estar juntos para conversar sobre como tratar desses desafios. Mas também é bom estarmos juntos para conversar sobre como nós podemos aproveitar as oportunidades. Terei muito prazer em trabalhar com todos vocês. Muito obrigada.